

PRÁTICAS DO COMUM E O CORPO-TERRITÓRIO DAS MULHERES NA CASA DE REFERÊNCIA MULHERES MIRABAL

**Bárbara Rodrigues
Marinho
Daniele Caron**
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul

RESUMO | O estudo trata da ocupação urbana construída pelo Movimento de Mulheres Olga Benario, a Casa de Referência Mulheres Mirabal (CRMM) que, desde 2016, funciona como espaço de acolhimento e abrigo para mulheres vítimas de violência, e sua atuação na cidade de Porto Alegre/Brasil. Por meio das experiências urbanas e sociais das mulheres que estão ou estiveram vinculadas à Casa, dando ênfase às práticas do comum, associadas sobretudo a uma ética e exercício de caráter político que se configura em lutas e de modos de vida que cotidianamente partem da cooperação, dos cuidados compartilhados, do uso coletivo e social das propriedades e da reivindicação de um outro tipo de sociedade. Para isso, serão trazidas as narrativas das mulheres sobre duas práticas de combate à fome realizadas junto a outros movimentos sociais: a Campanha de Apoio às Diaristas e a construção da horta comunitária, momento em que o corpo-território se materializa na coletividade e não aceita mais uma conjuntura de miséria e violência.

Palavras-chave: Comum; mulheres; corpo-território; narrativa.

ABSTRACT | The study deals with the urban occupation built by the Olga Benario Women's Movement, the Mirabal Women's Reference House (CRMM), which since 2016 has functioned as a reception and shelter space for women victims of violence, and its work in the city of Porto Alegre/Brazil. Through the urban and social experiences of the women who are or have been linked to the House, we will emphasize the practices of the common, associated above all with an ethic and exercise of a political nature that is configured in struggles and ways of life that daily start from cooperation, shared care, the collective and social use of property and the demand for another type of society. To this end, we will present the women's narratives about two practices to combat hunger carried out together with other social movements: the Diaristas Support Campaign and the construction of the community vegetable garden, a moment when the body-territory materializes in collectivity and no longer accepts a situation of misery and violence.

Keywords: Common; women; body-territory; narrative.

Introdução

Este artigo aborda a materialização das práticas sociais das mulheres da Casa de Referência Mulheres Mirabal (CRMM), ocupação urbana construída pelo Movimento de Mulheres Olga Benario que desde 2016 funciona como espaço de acolhimento e abrigamento para mulheres vítimas de violência, e sua atuação enquanto corpo-território pautado pelo comum como racionalidade alternativa ao regime capitalista e neoliberal que domina a produção urbana na cidade de Porto Alegre/Brasil. A noção de comum é aqui associada a uma ética e prática de caráter político que se constitui através de lutas e de modos de vida que partem da cooperação, da partilha das tarefas reprodutivas, do uso coletivo dos territórios e da reivindicação de um autogoverno pela sociedade (DARDOT e LAVAL, 2017; FEDERICI, 2019). Já o corpo-território, é um conceito político explorado pela socióloga Verônica Gago (2020) que evidencia a exploração e expropriação dos corpos das mulheres, ao mesmo tempo que demonstra a existência de caminhos para sobreviver e resistir, carregando consigo outra noção de pertencimento.

A narrativa comparece como perspectiva teórico-metodológica da pesquisa, justificada pela necessidade de aproximar-se a uma epistemologia que valoriza a experiência cotidiana das mulheres vítimas de violência, capaz de fazer emergir enunciados que desestabilizam modos de pensar e fazer cidade patriarcais, racistas e heteronormativos. A pesquisa também se inspira no campo etnográfico, partindo de uma observação-participante que busca criar um vínculo de confiança com as mulheres enquanto narradoras de sua própria história, que faz reverberar possibilidades de empoderamento individual e coletivo.

Além da implicação e engajamento na luta urbana promovida pela CRMM, foram realizadas entrevistas narrativo-episódicas (CARON, 2017) com mulheres militantes, coordenadoras, ex-coordenadoras, abrigadas e ex-abrigadas. Sempre pautada por uma abordagem teórico-prática feminista, as entrevistas foram transcritas e analisadas discursivamente a fim de encontrar ideias-força que ampliam a noção de corpo-território (GAGO, 2020) enquanto levante, campo de batalha e produção de comum (DARDOT e LAVAL, 2017; FEDERICI, 2019). Como resultado da pesquisa, pode-se falar do comum como um tempo presente que se modifica através do desejo de um outro futuro, uma nova realidade urbana que se configura a partir do compartilhamento de recursos, da quebra das esferas burocráticas marcadas por diferentes tipos de opressão, de estratégias cotidianas de sobrevivência que advogam pelo direito à cidade, e da tecitura de alianças com demais grupos subalternizados..

Serão trazidos dois exemplos de ações de combate à fome e as lutas coletivas, a partir de alianças com outros grupos e movimentos sociais na cidade de Porto Alegre: a campanha de apoio às diaristas e a construção da horta comunitária.

1. Afinal, o que é o comum?

Ao falar em corpo-território, é impossível desvinculá-lo da construção de um comum. Mas o que seria, afinal, esse comum? E qual relação ele teria com as cidades e territórios sob uma perspectiva feminista? Segundo o dicionário MICHAELIS, a palavra comum pode ter vários significados, 1 Que pertence a dois ou mais elementos. 2 Realizado por duas ou mais pessoas; feito em comunida-



de. 3 Que apresenta características compartilhadas pela maioria. A expressão “comum”, trata de uma palavra derivada do termo em inglês commons, referente aquilo é que “tido em comum”, na maioria das vezes referindo-se a algo que tenha relação com o espaço físico (FEDERICI, 2019:33).

Fig. 01 Práticas do comum.
Fonte: Acervo pessoal das autoras com edição de Letícia Durlo (2023).

Na sociedade medieval, a noção de comum era ligada diretamente as terras comunais, as quais cumpriam uma função social de relevância na vida das mulheres, sobretudo na socialização, cooperação no trabalho, solidariedade e vida comunitária campesina, já que tinham menor poder social e menos direitos sobre as terras (FEDERICI, 2017). Já para Pierre Dardot e Cristian Laval (2017:101) a expressão “comum”, seja ela como adjetivo ou substantivo, utilizada no singular ou no plural, vai além desses significados, pois “começou a funcionar como bandeira de mobilização, palavra de ordem da resistência, fio condutor da alternativa”. Segundo os autores, o termo “comuns”, assim como a expressão “bens comuns”, vão ser amplamente utilizados a partir dos anos 1980, nos processos de luta contrários à privatização e mercantilização que se expandem junto com as políticas neoliberais no mundo e serão utilizadas como forma de explicitar as lutas, práticas e outras de formas de viver que se contrapõe a essa ordem em vigência.

A fala da narradora Natália se aproxima dessa noção de “comum” de Dardot e Laval (2017). Segundo os autores, o termo “comuns”, assim como a expressão “bens comuns”, vão ser amplamente utilizados a partir dos anos 1980, nos processos de luta contrários à privatização e mercantilização que se expandem junto com as políticas neoliberais no mundo e serão utilizadas como forma de explicitar as lutas, práticas e outras de formas de viver que se contrapõe a essa ordem em vigência.

Para as mulheres da cidade... a primeira palavra que me vem é um refúgio, mas também é um espaço de teste, um espaço de auto-organização. Assim, nós não queremos a violência nós queremos autonomia, individualmente e coletivamente enquanto mulheres e a Mirabal é muito o espaço em que nós, não só colocamos em prática, mas repensamos como funcionaria essa autonomia né? Como nós agimos quando nos reunimos assim, enquanto mulheres, realmente que nós queremos construir para além de uma violência além do mundo violento e patriarcal, sabe? (Narradora Natália)

O comum também está relacionado, segundo Federici (2019), a uma ética e prática que além de se contrapor ao modelo socioeconômico vigente, defende princípios como a cooperação, a posse e uso coletivo dos territórios e das

propriedades e do desejo da constituição de um autogoverno pela sociedade. Combater os meios de opressão, violência e subordinação é o ponto-chave para que haja uma transformação nos modos de vida, pois “Nenhum comum é possível a menos que nos recusemos a basear nossa vida e nossa reprodução no sofrimento dos outros, a menos que nos recusemos a nos enxergar como separados deles” (FEDERICI, 2019:317). A narradora Nana, dialoga um pouco sobre isso:

(...) Eu acho que a Mirabal, acho que eu a vejo assim como um laboratório da sociedade, sabe? Hmm, de como a gente quer que a sociedade seja, sem que ninguém explore ninguém, sem que ninguém...que a gente tem uma relação de colaboração mesmo, sabe? E para mim, a Mirabal materializa isso. Assim, a possibilidade de que a sociedade pode mudar. E ela muda de baixo para cima, sabe? (...) (Narradora Nana)

Percebo que ocupações urbanas como a Mirabal são constituídas por laços mútuos e os interesses coletivos são partilhados. Essas ações, não podem estar dissociadas da reivindicação de resgatar nossas riquezas comuns nem tampouco das lutas contra as privatizações e da retirada de direitos em curso no capitalismo neoliberal.

Para Martinez (2021), o comum não é uma coisa, mas relações sociais que comportam “uma dinâmica viva de autogoverno da riqueza social” (MARTINEZ, 2021:92). Essas estratégias de pensar outros modos de ocupar e utilizar os espaços, são identificadas O relato da narradora Júlia Foschiera carrega reflexões que sobre a importância da força e o do desejo coletivo para pensar esses outros modos de vida comunitários.

Eu sinto que as pessoas que tenham vontade, disposição de fato para construir o que quiserem, tem espaço na Mirabal? Sim. Eu sinto que as mulheres que já chegaram aqui com essa disposição conseguiram fazer muitas coisas. A gente já teve desde atividade com crianças, projeto de tudo que é tipo, biodança, capoeira, oficina de inúmeras coisas, projeto inúmeros assim. E eu acho que sempre que a gente consegue passar um pouco dessa ideia, né? De que todo mundo tem uma expectativa muito grande do que que a gente quer, que a Mirabal seja, mas ela depende muito de quem está disposto a construir no dia a dia assim. Se tiver gente assim, de construir no dia a dia, vai acontecer. (Narradora Júlia Foschiera, coordenadora)

A fala da Júlia Foschiera converge com a ideia de “não há comuns sem comunidade” na qual Federici acredita que não devemos pensar a produção de um comum em grupos que estejam voltados à interesses específicos que geram distâncias entre os indivíduos, mas sim através “(...) de qualidade de relações, um princípio de cooperação e responsabilidade: uns com os outros, com a terra, as florestas, os mares, os animais” (FEDERICI, 2019:317). O desejo coletivo é que haja uma luta de consciência feminina de combate ao sexismo que existe dentro de cada mulher, tornando possível assim, a construção de uma solidariedade e luta política efetiva pelas mulheres.

1.1. A Campanha de Apoio às Diaristas

Para que as lutas pelo comum sejam efetivas, é preciso que as atividades

reprodutivas sejam partilhadas, assim como os interesses coletivos. Essas ações, não podem estar dissociadas da reivindicação de resgatar nossas riquezas comuns nem tampouco das lutas contra as privatizações e da retirada de direitos em curso no capitalismo neoliberal. Alguns exemplos de ações são o combate à fome, a luta contra a ociosidade dos imóveis, a construção de lutas coletivas e de alianças com outros grupos e movimentos sociais, e apoio nos processos de resistência às demais ocupações que existem ou existiram na cidade de Porto Alegre.

Segundo Gago (2020) é através da coletividade, que o corpo-território se materializa. Para isso, é necessário reconceitualizar de forma precisa esses conflitos e, na prática, fazer mudanças conjunturais potentes e que ao mesmo tempo, trazem transformações nas vidas cotidianas. Logo, um corpo enquanto território pode ser enunciado por infinitas redes de cuidado, solidariedade e apoio mútuo estabelecidas pelas mulheres nos territórios periféricos e movimentos sociais, sobretudo na construção de um comum e na reivindicação do direito à cidade. Afinal, “vida tem um significado vital: envolve a defesa e o cuidado com o comum, e produção e ampliação de riqueza compartilhada” (GAGO, 2020:109). As narradoras relatam também, percepções da CRMM como um espaço não só de acolhimento, mas também como um local que dá suporte a inúmeras famílias em situação de vulnerabilidade.

Campanha de apoio as Diaristas, tinha como objetivo principal arrecadar fundos para compra de cestas básicas e itens de primeira necessidade, como material de higiene e limpeza., a partir de uma rede de solidariedade que foi idealizada no início da pandemia da COVID-19, quando milhares de mulheres que trabalhavam como domésticas, diaristas e autônomas ficaram sem fonte de renda, devido ao início do isolamento social e o aumento do desemprego. A narradora Géssica faz um breve relato dessa campanha que foi idealizada pelas mulheres do movimento, além de usar como ponto de arrecadação e logística a CRMM.

Não é à toa, né? que nossas principais campanhas aí durante a pandemia visto essa situação da vulnerabilidade social... também foi um espaço de arrecadar alimentos. Então tudo isso a Mirabal cumpriu na cidade, então foram mais de que mais de 100mil reais arrecadados, que foram revertidos em cestas básicas durante um ano e meio de pandemia. Então nenhum outro serviço, nenhum outro coletivo, nenhuma outra empresa teve com muito mais condições financeiras que a gente teve essa condição de levantar essa grana, de fazer essa logística, que não é simples também, ir até o morro da Cruz, Lomba do Pinheiro, ir até Restinga ir até comunidade indígena ou lá na Beira do Rio. (Narradora Géssica, ex-coordenadora)

1.2. O projeto da horta comunitária.

Outro exemplo de prática social que está vinculada ao comum foi a construção da horta comunitária. A ideia de fazer uma horta era um desejo antigo, anterior à pandemia. Quando a autora Bárbara Rodrigues começou a frequentar a CRMM, chegou a colaborar com os primeiros plantios da horta, tornando possível o cultivo de manjeriço, cebolinha, hortelã e de mais algumas hortaliças e temperos. Entretanto, para ter mais espaço de plantação, precisávamos de muitas mãos dispostas a tocar o projeto, além de força braçal para conseguir arrancar as grandes e pesadas lajotas de concreto que cobriam o solo do



Fig. 02 Distribuição de alimentos na Campanha de Apoio às diaristas. Fonte: Jornal do Comércio (2021).

terreno livre da antiga Escola Benjamin Constant, o qual é amplo e conta com muito espaço não-construído.

Como as demandas da Casa sempre são muitas, o projeto ficou “para depois”. Até que no mês de setembro de 2021, ao receber doações de alimentos do Conselho de Segurança Alimentar (CONSEA) e o Comitê Gaúcho de Emergência no Combate à Fome, iniciou um diálogo com a coordenação da CRMM, iniciou um diálogo sobre soberania alimentar das mulheres que estão de passagem na Casa e das comunidades no entorno, levantando a possibilidade de pôr em prática o projeto de criação de uma horta comunitária. Assim, por meio de parceria firmada entre o MST e o CONSEA, a CRMM foi escolhida como espaço para execução de um projeto-piloto de hortas urbanas em espaços de vulnerabilidade social na cidade de Porto Alegre.

E o que as hortas urbanas têm a ver com o comum? Em primeiro lugar, as hortas ultrapassam a ideia de ser uma fonte de segurança alimentar e de produção de alimento para consumo da comunidade – sem fins comerciais – mas também são “centros de sociabilidade, produção de conhecimento e troca cultural e intergeracional” (FEDERICI, 2019) Além disso, as mulheres “sempre dependeram mais que os homens do acesso aos recursos comuns e foram as mais comprometidas em sua defesa” (ibid., 2019:313).

Para a execução da horta, foram feitos encontros prévios em formato de oficina com militantes e abrigadas, para decidirmos, de maneira conjunta, o que gostaríamos que fosse ali plantado, qual seria o desenho e disposição do espaço e convocamos um espaço de memória e lembranças sobre infância e alimentação. Através de mutirões, realizados entres os meses de outubro e novembro de 2021, a horta tomou forma Participaram desse processo de construção MST, CONSEA, militantes do Olga, militantes da Unidade Popular pelo Socialismo (UP), Margem_Lab/UFRGS, apoiadoras e apoiadoras da Mirabal, pessoas em situação de rua que viviam embaixo do Viaduto José Eduardo Utzig – localizado em frente à CRMM. A união entre diferentes grupos e frentes de atuação pelo direito à cidade e que acreditam em um outro modo de vida possível.

O projeto da horta rendeu, principalmente, o engajamento e aprendizado por parte das crianças nas dinâmicas de cultivo dos alimentos, que exerciam sua curiosidade ao plantar, regar, ver semear e provar os frutos, ervas, temperos que a terra dá. Com as mulheres, realizamos junto com a educadora Terezinha de Sá, oficinas sobre plantas e ervas medicinais e qual papel desempenham na nossa saúde. O maior desafio que se pôs à prova foi conseguir um entendimento ligado à lógica do cuidado e da subsistência na produção dos próprios alimentos como uma estratégia de combate à fome e de não dependência de apoiadores para ter os alimentos das refeições diárias.

Esse é o ponto de partida para o que Paredes (2010, 2020) entende por viver bem das mulheres, onde a vida se coloca em primeiro plano, depois os bens. O “viver” envolve a água, o pão, a tapioca, como dizem aqui. Primeiro é necessário cuidar da vida. E depois, construir o “bem”, que é com todos e com todas, não somente com a humanidade, mas também com a mãe e irmã natureza. E não é o “Viver Bem” de uma pessoa. Você não pode viver bem se ao seu lado tiver uma comunidade, um vizinho, um irmão ou pessoas na rua passando fome. (PAREDES, 2020).

Fig. 03 Construção da horta comunitária na Casa de Referência Mulheres Mirabal. Fonte: Acervo pessoal (2021).



2. Considerações finais

As ações fora do espaço de acolhimento e abrigo, levam para a vida da população porto-alegrense, arte, cultura, música, debates sobre feminismo e sobre questões políticas-sociais e “a sensibilidade feminista é justamente a de colocar em discussão estas formas negadas de interdependência que nos permitem viver. Tanto em relação ao cuidado, como em relação ao que significa produzir uma ação política e tudo o que isso requer em termos de organização, de cumplicidade e de construção de espaços coletivos” (GAGO, 2022). A Mirabal rompe a ideia de individualizar a vida no espaço urbano e de resumir-la ao consumo de bens e serviços. Ademais, quebra as esferas burocráticas e constrói uma sociedade que se dá a partir de uma necessidade imediata, em que as reformulações e aprendizados vão se dando no cotidiano.

Na construção do comum, narra-se um lugar outro em que uma realidade compartilhada é possível de se configurar, compartilhando recursos e encontrando estratégias de sobrevivência, advogando pelo direito à cidade e tecendo alianças com demais subalternizados que almejam uma lógica de vida distinta

daquela imposta pelo capital.

Bibliografía

A PÚBLICA. (2020, mayo). Temos que construir a utopia no dia a dia, diz a boliviana Julieta Paredes. A Pública. <https://apublica.org/2020/05/temos-que-construir-a-utopia-no-dia-a-dia-diz-a-boliviana-julieta-paredes/>

DARDOT, P., & LAVAL, C. (2016). A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal (1ª ed.). São Paulo: Editora Boitempo.

FEDERICI, F. (2015). Propriedade, apropriação social e instituição do comum. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, 27(1), 261-273.

FEDERICI, F. (2017). Comum: Ensaio sobre a revolução no século XXI (1ª ed.). São Paulo: Boitempo.

GAGO, V. (2020). A potência feminista ou o desejo de transformar tudo. São Paulo: Elefante.

MARTÍNEZ, Z. M. (2015). Mujeres haciendo ciudades: Aprendiendo del pasado. Kult-ur: Revista interdisciplinària sobre la cultura de la ciutat, 2(3), 111-124.

PAREDES, J. (2010). Hilando fino: Desde el feminismo comunitario. La Paz: Mujeres Creando, Cooperativa El Rebozo.

XVI Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo / Cristina Araujo Lima... [et al.] ; Contribuciones de Josefina Dámaris Gutiérrez ; Compilación de Mónica S. Martínez. - 1a ed compendiada. - Córdoba : Editorial de la Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño de la Universidad Nacional de Córdoba ; Cataluña : Universitat Politècnica de Catalunya, 2024.
Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online
ISBN 978-987-8486-61-1

1. Urbanismo. I. Araujo Lima, Cristina II. Gutiérrez, Josefina Dámaris, colab. III. Martínez, Mónica S., comp.

CDD 711.007